

Nietzsche: o eterno retorno como alternativa à verdade metafísica

Kelly de Fátima Castilho

Professora do Instituto Federal de Farroupilha

E-mail: kelly.castilho@iffarroupilha.edu.br

Recebido em: 06/06/2015.

Aprovado em: 16/01/2016.

Resumo: A tradição metafísica, segundo Nietzsche, se mostrou hostil e negadora da vida à medida que buscou uma verdade absoluta e postulou uma outra realidade, um outro mundo e uma outra vida melhor que esta. O presente artigo pretende abordar a crítica nietzschiana à concepção metafísica de verdade e apresentar o “eterno retorno do mesmo” enquanto uma alternativa a tais concepções. A verdade do eterno retorno- anunciada por Zarathustra- não é deduzida de premissas lógicas, tampouco se ocupa dos conceitos tradicionais, ela é dançante e vem exigir de nós o grande Sim à vida. Aceitar dionisiacamente a vida é celebrar o destino e amá-lo sem reservas.

Palavras chave: Nietzsche. Verdade metafísica. Eterno retorno. Verdade dionisiaca. Vida.

Nietzsche: eternal recurrence as alternative to the metaphysical truth

Abstrat: The metaphysical tradition, according to Nietzsche, has shown itself hostile and life denying as sought an absolute truth and postulated another reality, another world and another life better than this. This article intends to address the Nietzschean critique of metaphysical conception of truth and present the “eternal return of the same” as an alternative to such conceptions. The truth of eternal return – announced by Zarathustra- is not deducted from logics premises, nor takes care of the traditional concepts, it is flexible and requires us the great Yes to life. Accept life Dionysianly is to celebrate fate and love it unconditionally.

Keyword: Nietzsche. Metaphysical truth. Eternal return. Dionysian truth. Life.

1 Introdução

A filosofia de Nietzsche se apresenta enquanto um riso irônico e zombeteiro diante da tradição, arrastando consigo toda suposta seriedade com a qual a metafísica postula suas teorias e sistemas. A crítica desconstrutiva que o filósofo opera vai muito além de uma tentativa de melhorar ou reconstituir ou ainda reabilitar a metafísica segundo novos pressupostos. Ao contrário, a postura de Nietzsche como filósofo do martelo é clara: é preciso derrubar ídolos, destroçar verdades, crenças, deuses. É preciso destruir os templos de adoração nos quais se cultua a verdade, a moral, a ciência e a religião, mas, o que leva o filósofo a tal atitude? Por que ele percebe a necessidade de demolição e não de reformas internas à metafísica? A metafísica, que se insurge como templo de consagração e adoração à verdade, cultua ao mesmo tempo com extraordinária força o ódio instintivo contra a vida e seus pressupostos. Durante séculos os pensadores deixaram a doença guiar suas ideias e concepções, resultando daí o ódio e a vontade de vingança contra a vida, a vontade de negar, de dizer: Não a tudo o que é terreno e transitório. Provém daí o imperioso juízo de valor sobre a existência: a vida não vale nada! (NIETZSCHE, 2000)

E se essa vida e esse mundo são insuportáveis é preciso que se invente um outro mundo e uma outra vida. Se, por um lado, as características desse mundo e dessa vida limitam e condenam o homem à finitude, à falta de sentido, ao fluxo contínuo das coisas, por outro lado, o mundo do Além e da vida Eterna oferece paz, sossego, segurança. Essa invenção desviou a atenção de tudo o que é terreno, a vida foi destituída de sentido e o corpo considerado algo impuro e imperfeito. Aquilo que os cristãos chamam de vida eterna e de Reino dos céus, diz Nietzsche, não passa da mais terrível mentira inventada contra a vida e contra o mundo.

O filósofo alemão percebe que inverter a metafísica é ainda permanecer em seu terreno e assim indica-nos a necessidade de superação: superar as dicotomias de valores, fazendo desaparecer a dualidade entre mundo verdadeiro e mundo aparente, entre verdade e mentira; entre bem e mal.

Embora a exposição acima indique o aspecto corrosivo e destruidor da filosofia Nietzscheana é necessário considerar a destruição

como parte constitutiva de um projeto ainda maior de construção e que Nietzsche, declaradamente avesso às dicotomias dualistas, não vê esses dois aspectos de modo separado, mas como um único processo que pretende libertar a vida das amarras metafísicas, indicando um novo sentido e um novo peso para todas as coisas.

2 O eterno retorno do mesmo como o máxima aquiescência

Se a interpretação metafísica do mundo juntamente com a concepção cristã da existência fez o homem desviar-se da Terra para almejar um Além, trata-se agora promover a reconciliação do homem com esta vida e este mundo. Se as esperanças ultraterrenas fracassaram faz-se necessária a eclosão de uma nova compreensão do ser que se volte para o aqui e o agora, que nos faça compreender o sentido da terra. Que concepção seria essa, capaz de mudar o peso de todas as coisas e ainda fazer o homem se reconciliar com a vida? O pensamento do eterno retorno, - inspiração que Nietzsche teve durante uma caminhada em 1881 – se apresenta enquanto alternativa à pretensão metafísica de verdades absolutas. A parte corrosiva da filosofia de Nietzsche não pode prescindir da concepção do eterno retorno. Pensar que tudo retorna eternamente é exaltar e festejar o mundo, justamente o oposto do que fez a metafísica-platônico-cristã.

Querer que tudo retorne eternamente é a ideia que se contrapõe de modo decisivo à tradição metafísica que postulou uma outra realidade e tomou a vida como um caminho errado. É exatamente esse aspecto do eterno retorno que nos interessa aqui. Se por um lado Sócrates denigre a vida e a toma como doença, Nietzsche deseja o eterno retornar da mesma vida, dos mesmos desejos e problemas, de tudo o que há de grande, mas também de miserável na existência. Zaratustra na praça do mercado anuncia a necessidade de superação do homem: “o homem é algo que deve ser superado” (NIETZSCHE, 2005, p. 36). O apelo nietzschiano feito pela boca de Zaratustra é um indicativo de que a concepção metafísico-cristã – que até então explicou e se colocou como verdade absoluta sobre o mundo – deve ser superada. Deve surgir aí um novo homem capaz de

suportar a morte de Deus e o fim dos valores transcendentais. Um homem que aceite e suporte a verdade do eterno retorno até em seus últimos desdobramentos.

O filósofo vê como problemática a interpretação que a metafísica fez da existência e isso porque foi uma interpretação negativa e hostil; porque negou e sobrepujou os princípios fundamentais da existência; porque estabeleceu o domínio irrestrito da razão em prejuízo dos instintos. Contra tudo isso, surge a doutrina do eterno retorno, não como uma ideia intelectual, ou uma exposição teórica que pretende reformular e polir conceitos tradicionais, mas como uma verdade terrível- que exige de nós uma nova postura frente à existência. É como desafio saído da boca de um demônio, que Nietzsche pela primeira vez fala do eterno retorno no parágrafo 341 da *Gaia Ciência*. Aí o demônio diz:

Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem (NIETZSCHE, 2001, p. 230).

Como vemos não se trata de uma exposição teórica – não que Nietzsche não o faça posteriormente, podemos encontrá-la em fragmentos póstumos, mas o que nos interessa aqui é justamente o aspecto do desafio que essa ideia coloca ao homem. Não é possível sermos indiferentes frente à possibilidade de que tudo irá retornar, ela suplica por uma postura e quer nos parecer que Nietzsche com a sua filosofia quer mudar os humores do mundo, quer ser vivido e não compreendido teoricamente. Tanto que ele se previne contra os que tomam Zaratustra ao pé da letra, não é isso que lhe interessa. Não é Zaratustra que devemos seguir, mas a nós mesmos. A doutrina de Nietzsche vem sugerir uma determinada postura, um certo *phatos* frente à existência. Aquele que aceitar o eterno retorno até os seus últimos desdobramentos, com a coragem de quem não deseja outra coisa senão a eterna repetição da vida, este sim estará colocado dionisiacamente frente à existência.

O filósofo alemão percebe o caráter selecionador da sua teoria e reconhece o terror que esta poderá causar em alguns, mesmo que

hipoteticamente a possibilidade do retorno é capaz de nos inquietar e nos transformar. Pode trazer a transformação dos sentimentos e perspectivas, mas também suscitar a ideia da eterna condenação. É preciso cultivar a coragem – qualidade exaltada por Zarastustra e não mais a esperança – virtude cristã, que espera por uma vida melhor.

O que seria uma postura dionisíaca, ou melhor, uma afirmação dionisíaca do mundo e da vida? Dionísio – o deus da desmesura, do amor e da morte, cujo rosto é uma máscara – vem dar nome ao que Nietzsche chama o supremo estado que um filósofo pode alcançar. Uma vez destronado o Deus transcendental e junto com ele os valores niilistas, surge uma nova maneira de pensar e fazer filosofia, que caracteriza-se não mais pela negação ou pela postulação de uma outra realidade, mas pela aceitação incondicional deste mundo e desta vida.

Essa é a resposta de Nietzsche à tradição, ele condena a metafísica por ver nela a maior ofensa aos princípios básicos da vida e apresenta uma interpretação do mundo, cuja exigência máxima é o amor à realidade terrena. “Dionísio contra Crucificado”: aí está a oposição, diz Nietzsche (NIETZSCHE, 1995). O martírio, o sofrimento é o mesmo, mas o sentido, o significado que adquire dentro de cada doutrina é bem diferente. Cristo sofre na cruz e oferece-se como sacrifício à humanidade: sacrifício este eternamente cobrado dos fiéis através da moralidade, da culpa e da má consciência. A interpretação cristã condena o homem a redimir-se de seus pecados e a tomar a vida apenas como uma passagem, cheia de sofrimento e desgosto. O cristão suporta o sofrimento em prol de uma vida melhor: a vida no paraíso. O homem dotado do phatos dionisíaco não é aquele que suporta o sofrimento com a esperança de que um dia ele se extinguirá, mas é aquele que sabe que a vida está prenhe de sofrimento e que nem por isso encontra objeção contra ela. A esperança no Além é substituída pela coragem de aceitar o sofrimento aqui e agora, tomando-o como parte constitutiva da vida: Dionísio é dilacerado no palco para fazer o espectador aceitar a dor e as contrariedades da vida. O cristianismo vê no martírio de Cristo o principal motivo para negar o mundo e vida.

3 A aceitação dionisíaca da vida

A concepção metafísica de verdade absoluta, assim como a interpretação cristã da existência, nada mais são do que expressões da vontade de potência e se elas se colocam como absolutas e irrefutáveis é justamente porque almejam mais poder, porque querem dominar tudo a sua volta, negando sua contingência e se colocando num sentido absoluto. Embora zombeteiro e irônico Nietzsche não é um destruidor cético que desacredita de toda interpretação do mundo. Segundo ele, toda interpretação é manifestação da vontade de potência. São os impulsos lutando por mais poder que fixam essas unidades e criam interpretações. O problema é quando estas são tomadas no sentido absoluto, quando real e irreal são ditos a partir de tais categorias e somente a partir delas. Quando uma interpretação, como é caso da metafísica, não se reconhece como tal.

Se o filósofo das montanhas denuncia a pretensão de verdade absoluta presente na tradição, certamente as suas doutrinas da vontade de poder e do eterno retorno farão todo o possível para se despirem dessa pretensão. O que torna sem sentido a pergunta pela verdade e pela verificabilidade das concepções nietzschianas. Mas isso também não deve significar que Nietzsche esteja apelando para a crença ou para um dogmatismo sem crítica. Significa que eterno retorno e vontade de potência são interpretações que se admitem como tais, que não reclamam para si a verdade absoluta. Mas, como falar de uma nova concepção do mundo sem cair nas amarras metafísicas? Que linguagem é capaz de fazer eclodir uma nova concepção do ser, que mudará o peso de todas as coisas?

Nietzsche está ciente da dificuldade que encerra a sua missão e somente depois de algum tempo confere a Zaratustra a difícil tarefa de falar do seu pensamento mais íntimo: o pensamento do eterno retorno. Contra as deduções lógicas e os conceitos racionais que a tradição utilizou durante milênios Nietzsche vem falar de inspiração. O seu pensamento mais radical encontra dificuldades e tropeça nas palavras – todas elas tão carregadas de crenças metafísicas. Zaratustra, o mensageiro alegre e dançarino precisa aprender a cantar, além do mais ele é “apenas poeta” e “apenas louco” e não tem compromisso com a verdade.

“Não fales mais, cante!” (NIETZSCHE, 2005, p. 143) esse é o conselho de Zaratustra a sua alma. Cantar significa não se preocupar com a verdade racional, não utilizar a linguagem, a não ser como música, como melodia, que entoava uma nova concepção do mundo e da vida. Cantar significa ver a linguagem como problema, a linguagem como cúmplice e instrumento propagador da metafísica: cada palavra carrega a ilusão da unidade, da fixidez dos conceitos e da identidade.

O mundo que Zaratustra vem proclamar é o mundo enquanto processo, enquanto força geradora e destruidora de si mesmo: composto de quantas de forças em permanente tensão, não cumpre nenhuma finalidade, não se submete a nenhuma força transcendente. Nesse caso, vida é criação contínua, que não admite substâncias e essências inalteradas, onde nada repousa eternamente em si, mas é unicamente esse movimento de criação e destruição contínua.

O descompromisso de Nietzsche/Zaratustra é com a verdade no sentido tradicional, ele tem também a sua verdade, nada lógica, nada deduzida de premissas, mas uma verdade acre e difícil de suportar. “A verdade fala em mim” Diz ele – “Mas a minha verdade é terrível: pois até agora chamou-se à mentira verdade” (NIETZSCHE, 1995, p. 109). O filósofo se coloca como um precursor na arte de desvendar a mendacidade que milenarmente a filosofia platônico-cristã instituiu.

Em *Ecce Homo* Nietzsche se diz o discípulo de Dionísio, com isso está reivindicando para sua filosofia o movimento de criação/destruição, quer afirmar esse mundo tal como ele é. O eterno retorno muda a nossa relação com o mundo e com a vida. Amor fati é o caminho da aceitação incondicional da vida: “nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas amá-lo [...]” (NIETZSCHE, 1995, p. 51, grifo meu). Amor ao destino, amor ao que é, aqui e agora, não ao que virá em outra vida ou em outro mundo.

O eterno retorno não postula fins transcendentais e por isso mesmo é aterrador, pois faz repousar inteiramente sobre a vontade humana a construção do futuro, mas também a redenção do passado. Não há mais separação entre passado presente e futuro e com isso em cada ação repousa a maior responsabilidade. Eis aí o mais pesado dos pesos, cada instante carrega a senda da eternidade. Como não deveríamos estar de bem com a vida para

aceitá-la assim sem reservas? (NIETZSCHE, 2001) Não apenas uma vez, mas por incontáveis vezes. A verdade apresentada por Nietzsche não é uma ideia lógica e intelectiva e o motivo é simples: a vida não é um argumento lógico e o erro poderia fazer parte das suas condições. Vida é esse movimento de pura gratuidade que de lugar nenhum vai para lugar nenhum e que no auge de sua inutilidade deve ser amada, deseja, respeitada, aceita de forma dionisíaca, sem restrições ou objeções. Se Nietzsche desconstrói a tradição metafísica é porque vislumbrou uma interpretação da vida inúmeras vezes mais afirmativa, inúmeras vezes mais corajosa e ousada. E diante da morte Zaratustra indaga: “‘Era isso – a vida?’ Pois muito bem! Outra Vez!” (NIETZSCHE, 2005, p. 370, grifo do autor).

Referências

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução Mario da Silva. 14. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. Tradução Marco Antônio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

_____. **Ecce Homo**: como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.